

CORPO, MAR, MENSAGEM E GARRAFA – *QUARTO DE DESPEJO* (1960) DE CAROLINA MARIA DE JESUS E AS REAÇÕES A PARTIR DA ESCRITATatiane Silva Santos¹

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
a lua fêmea, semelhante nossa,
com vigília atenta vigia
a nossa memória.
(Evaristo, 2008, p. 21).

Resumo: Este artigo tem como objetivo a análise de alguns momentos de tensão vividos por Carolina Maria de Jesus e seus vizinhos, mais especificamente relacionados aos efeitos da escrita do diário *Quarto de despejo* – diário de uma favelada (1960) que tem, no ano de seu lançamento, uma grande repercussão em todo o país. A escritora, moradora da favela do Canindé, em São Paulo, revela nas páginas do diário a sua vida em um ambiente socialmente excluído, o próprio lugar onde se despejam os descartes, como bem explica o título da obra. Carolina é uma escritora crítica e produz uma literatura diversa com romances, provérbios, poemas e o próprio diário que a acompanha durante um período de sua vida. Em muitos de seus escritos, a autora aborda sobre as consequências da escrita em seu corpo: ela precisa lidar com sentimentos contraditórios relacionados ao fato de ser reconhecida como escritora na sociedade onde vivia. Desse modo, com base nos estudos de Lejeune (2008) e Didier (1996) acerca dos sentidos da produção de diários, quer fiquem escondidos em gavetas, quer sejam revelados ao público, analisaremos o contexto de publicação do primeiro livro de Carolina Maria de Jesus, onde são desconsideradas as consequências da escrita nos corpos da população marginalizada, neste caso, a autora e as pessoas que faziam parte de sua vida na época.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; escrita; diário; publicação.

Cuerpo, mar, mensaje y botella – *Quarto de despejo* (1960) de Carolina Maria de Jesus y las reacciones a partir de la escritura

Resumen: Este artículo tiene como objetivo el análisis de algunos momentos de tensión vividos por Carolina Maria de Jesus y sus vecinos, más específicamente relacionadas con la escritura del diario *Quarto de despejo* – diario de una favelada (1960) que tiene, en el año de su lanzamiento, una gran repercusión en todo el país. La escritora, residente de la favela do Canindé, en São Paulo, revela en las páginas del diario su vida en un ambiente socialmente excluido, el propio lugar donde se desahucian los descartes, como bien explica el título de la obra. Carolina es una escritora crítica y produce una literatura diversa con novelas, proverbios, poemas y el propio diario que la acompaña durante un periodo de su vida. En muchos de sus escritos, la autora aborda las consecuencias de la escritura en su cuerpo: necesita lidiar con sentimientos contradictorios relacionados con el hecho de ser reconocida como escritora en la sociedad donde vivía. De ese modo, con base en los estudios de Lejeune (2008) y Didier (1996)

¹ Professora de língua espanhola e literatura da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), câmpus de Alto Araguaia. tatisantos@gmail.com

acerca de los sentidos de la producción de diarios, ya sean escondidos en cajones o revelados al público, analizaremos el contexto de publicación del primer libro de Carolina Maria de Jesus, donde se ignoran las consecuencias de la escritura en los cuerpos de la población marginada, en este caso, la autora y las personas que formaban parte de su vida en la época.

Palabras clave: Carolina Maria de Jesus; escritura; diário; publicación.

Introdução

Em visita à Hacienda Hierbabuena em Bogotá, no final do ano de 2017, como programação do *I Colóquio Corpo e Escrita*, participamos de uma conversa com os funcionários da *Imprenta Patriótica*², que realizam a produção de livros com a mesma impressão - a partir da linotipia - desde a sua fundação em 1960. Estávamos ali para conhecer o processo e compreender qual era a relação destes corpos, que faziam o livro, com a escrita.

Na primeira parte da visita, passamos por todas as etapas da produção do livro: letras distribuídas, a tinta espalhada, os cortes no papel, as linhas de costura para unir as páginas e o livro finalmente pronto depois de passar por tantas mãos. Tudo na prática explicado e realizado em nossa presença: ouvimos o ruído das letras caindo na máquina de linotipo, sentimos nas mãos o peso dos moldes iniciais do processo e dos livros finalizados. A segunda parte de nossas atividades foi a conversa com os funcionários; entender sobre o cotidiano de trabalhar com a produção das letras, do corte das páginas, da costura: os ouvidos, os olhos, as mãos: depois de tantos anos de prática, ali estava o livro escrito/inscrito, também nos corpos de quem os trazia ao mundo.

Estas atividades integraram as discussões do evento, cuja proposta era explorar de diferentes maneiras a relação do corpo e escrita, tendo em vista os processos que acontecem no corpo quando lemos e escrevemos. Na ocasião, pensando na realidade brasileira e nesta conjugação da escrita com os corpos, apresentamos a relação entre o impacto das letras da escritora Carolina Maria de Jesus e os moradores da favela do Canindé pela publicação do livro *Quarto de despejo* (1960), pois a exposição do diário causou diferentes reações.

Carolina soube, com a sua arte, expressar bem os efeitos da escrita em seu corpo e nos corpos dos moradores de sua comunidade: pela sua própria escrita, diversa com a produção de contos, poemas, dentre outros textos, e pela escrita específica do diário. E o diário, como gênero

² “[...] a Imprenta Patriótica, um verdadeiro museu vivo onde são produzidos livros com tecnologias antigas e contemporâneas das artes gráficas como a composição em linotipo, tipos móveis, impressão tipográfica, impressão offset e encadernação artesanal.”. (tradução nossa). Disponível em: <https://www.caroycuervo.gov.co/conoce-mas-detalles-sobre-la-imprenta-patriotica-del-instituto-caro-y-cuervo/>. Acesso: 27 jun. 2025.

que surge inicialmente como segredo para ficar guardado na gaveta, para uma leitura externa muito posterior, é aberto quase que imediatamente ao momento de sua escrita e em uma época em que não era comum o compartilhamento de tantas informações pessoais. Por este motivo, há uma forte tensão entre a publicação do diário, a forma como foi editado e os demais escritos da autora.

Conforme aponta Elzira Divina Perpétua em *Aquém do Quarto de despejo*: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário (2011) ocorre a pressão para a publicação dos diários frente aos outros textos de Carolina, algo que mexe muito com a escritora. Neste artigo, parte de sua tese de doutorado, Perpétua pontua as intervenções de Audálio Dantas na constituição da obra. A partir da discussão desta interferência, mostraremos o impacto da escrita e proximidade da publicação do diário na vida de Carolina e dos moradores do Canindé.

No processo de recolher no lixo os próprios cadernos onde escrevia, a autora traça um paralelo entre suas narrativas e o modo encontrado para a subsistência; seus pensamentos estão impressos com sua letra naquelas páginas de diferentes tamanhos e formatos onde registrava os seus escritos. O papel catado no lixo servia quase sempre para a pequena renda que saciava a sua fome e a dos seus filhos, ao mesmo tempo em que era atendida com esta recolha outra necessidade de seu corpo: a escrita.

Segundo Béatrice Didier em *El diario ¿Forma abierta?* (1996, p. 39) o escritor de diário pode agregar a seu texto diferentes elementos como recortes, fragmentos, rascunhos e deve ignorar duas coações que existem para o escritor: o leitor e o público. Esta tranquilidade referente a este tipo de texto não foi legada à Carolina, que lidou com o editor e, inclusive, com os moradores do Canindé, mesmo antes da publicação de seu texto.

Em *O pacto autobiográfico* (2008), Phillip Lejeune aponta que o diário é um espaço de questionamento, um laboratório de introspecção. No caso de *Quarto de despejo* (1960) há uma ruptura, pois Carolina vê sua vida lançada aos quatro cantos e necessita lidar com este impacto logo após a escrita. Segundo o autor, o diário é uma garrafa lançada ao mar, para depois ser encontrada e lida. No caso de Carolina, seu corpo, o corpo de uma mulher negra, foi lançado junto à mensagem e, graças à diversidade de sua escrita e da riqueza de seu trabalho literário, conseguiu salvar-se do afogamento iminente.

A escrita do diário

Carolina Maria de Jesus ficou conhecida pelo livro *Quarto de despejo* - diário de uma favelada, publicado em 1960, onde escreve sobre o seu cotidiano na favela do Canindé na

cidade de São Paulo da década de 50. A escrita é parte da rotina de Carolina; mulher negra, leitora e escritora que vive com muitas dificuldades para sustentar sozinha os seus três filhos. Entre o início de sua trajetória literária, que ocorreu muitos anos antes da publicação de seu primeiro livro, e o reconhecimento de seu trabalho há um demorado e complexo percurso. A autora publica diversos livros como *Casa de Alvenaria* – Diário de uma ex-favelada (1961) *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1963), além de suas obras póstumas como *Diário de Bitita* (1986), *Onde estaes felicidade* (2014), dentre outros títulos. A sua produção foi muito diversa conforme descreve Rafaella Fenandez em *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus* (2019):

A “poeta da favela”, como Carolina de Jesus gostava de se autointitular, praticava em seus escritos as mais diversas formas de gênero textual, literárias e não literárias. Por isso, em seu acervo, encontram-se diários, peças teatrais, contos, fábulas, romances, crônicas, cartas, provérbios, poemas. Ela também compôs dois *long-plays* (LPs) com samba, marcha-rancho, xote, canção e uma valsinha. Carolina de Jesus tocava violão, recitava seus poemas para políticos e celebridades ou mesmo para os passantes pelas ruas de São Paulo, com o saco de catadora de lixo às costas. Há também registro da criação de um “vestido elétrico”, no qual ela colocava lâmpadas que acendiam, e ainda da reconfecção, a cada ano, uma fantasia de carnaval com penas de galinha d’angola, para contrapor às plumas e paetês das belas vedetes, que desfilavam com toda a pompa pelas famosas avenidas (Fernandez, 2019, p.17).

Frente a esta multiplicidade de trabalhos, destacamos que a tarefa de escrever sobre o seu cotidiano e a notícia da publicação do primeiro livro impactam o ambiente em que vive Carolina. A autora enfrenta, portanto, todo o tipo de recriminações; a escrita muda suas relações, principalmente com os vizinhos que percebem na atividade a ameaça de terem em breve as histórias de suas vidas compartilhadas. Segundo Perpétua (2011), a proximidade do lançamento do diário muda a relação da própria Carolina perante sua escrita. A partir do objetivo de seu editor, Audálio Dantas, que era mostrar ao público a imagem de uma escritora popular, muitas partes são retiradas da escrita original para confirmar esta perspectiva. Conforme relata Perpétua (2011), Carolina tinha interesse na publicação de outros textos, mas é desencorajada. Na análise que a pesquisadora realiza com os manuscritos do livro, podemos perceber melhor as reações da própria autora; seus medos, angústias, enfrentamentos, contentamentos, sentimentos diversos sobre a publicação de seu livro.

Como assinala Lejeune (2008), o diário é um instrumento de ação e podemos perceber a reação frente a esta prática no incômodo de Carolina sobre a publicação e no próprio relato dos vizinhos descritos no livro e, a partir deles, chegar a algumas questões enfrentadas pela

autora. A escritora se coloca em uma posição diferente perante aos outros moradores da favela enquanto escreve *Quarto de despejo* (1960): a de relatora dos fatos cotidianos, escribe da realidade e esta postura lhe causa diversos problemas.

Neste livro temos o corpo nu, o corpo que mostra dentro e fora, a escrita torna invisível a cortina que existia antes para ocultar as diferenças sociais. Através do diário, o ambiente da favela é colocado em evidência, ressaltando as desigualdades da sociedade brasileira. Com esta imersão, nos deparamos com uma escritora que se distingue por sua rotina de leituras frente ao cotidiano pesado de trabalho e luta por sobrevivência.

Carolina publicou o seu primeiro livro com auxílio do jornalista Audálio Dantas. Eles se conheceram enquanto este fazia uma reportagem sobre um parque no bairro Canindé em São Paulo. Na conversa com Carolina, Audálio descobre que ela mantinha um diário e muitos livros em seu quarto. A obra de Carolina Maria de Jesus foi publicada no Brasil pela primeira vez em 1960 e tem traduções em muitos países. Neste diário, Carolina conta, dentre outros assuntos, sobre a rotina da favela; a falta de recursos e até mesmo as brigas entre os vizinhos estão descritas nesta obra que expõe aos leitores a situação do Canindé, além das condições precárias que precisa aguentar para sobreviver naquela época.

Para Carolina, a escrita aparece como elemento catalizador, quando está tranquila escreve, pois sente a necessidade desta atividade para suportar o cotidiano. Segundo Eugène Dabit, *apud Lejeune* (2008, p.261): “Ter um diário tornou-se para o indivíduo uma maneira possível de viver, ou de acompanhar um momento de vida”, como podemos observar nas palavras da autora:

O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão, dois melhoreas e o resto pão (Jesus, 2014, p. 12).

É necessário a calma para ler, condições favoráveis que são quase inexistentes no ambiente em que vive. Carolina é escritora e catadora de papel e em alguns dias o dinheiro não é suficiente para comer. Quando chove não há como trabalhar e o descanso não é garantido, pois em todo o diário são descritos problemas que enfrenta com as crianças, os vizinhos que reclamam dos seus filhos, as brigas dos casais que vivem próximo ou a bebedeira dos moradores que trazem inúmeros conflitos ao cotidiano da favela. A autora necessita de um momento apropriado para ter esta relação com a leitura, mas a realidade a chama a todo instante: os filhos pedem pão e Carolina precisa interromper seus estudos, sair do universo de suas leituras a

contragosto: “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler” (Jesus, 2014, p.26). Carolina então, para aguentar esta rotina, escreve em suas páginas de diário, caderno que servia para o relato de parte de sua vida:

O processo criativo de Carolina Maria de Jesus, preparado durante cerca de trinta anos, foi realizado primeiramente de maneira improvisada, valendo-se dos mais variados suportes, conforme demonstrado nos exemplos apresentados anteriormente. Depois, a partir de 1958, começa a sofrer muitas interferências externas, especificamente, com a aproximação e a interlocução de Audálio Dantas na sua vida. Ela já sinaliza em seus diários que, pensando na publicação e num leitor ideal, começa a escrever para o jornalista, chegando inclusive a se comunicar com ele em escólios em seus próprios cadernos (Fernandez, 2019, p.80).

Quando Audálio aparece e realiza a proposta de publicação do diário, a autora já havia percorrido uma grande trilha na literatura: de leituras, escritas e buscas por espaços nas redações dos jornais. O empecilho para maior dedicação a esta atividade era a própria sobrevivência, situação enfrentada por grande parte da população brasileira.

Lélia Gonzalez (2020, p. 99-100) assinala que as situações de desigualdade e extrema dificuldade vividas pela população negra do país foram muito questionadas a partir das lutas organizadas por associações de moradores, que não aceitaram de forma passiva esta exclusão, assim como não aceitou Carolina a realidade que se impunha. Em *Quarto de despejo* (2014), na descrição do trabalho informal, a autora faz reivindicações em sua literatura: relata a rotina diária para sair, buscar papel, carregar peso pelas ruas de São Paulo, as dificuldades que tem quando chove, pois não pode sair, momentos em que a comida acaba e os filhos dormem com fome, dentre outros. Apesar dessa realidade complexa, esta mãe encontra forças na escrita para pensar sobre a realidade em que vive:

Veio a D. Silvia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhos são mal educados. Mas eu não encontro defeitos nas crianças. Nem nos meus nem nos dela. Sei que a criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade (Jesus, 2014, p.16).

Existe na vida de Carolina uma relação entre a realidade do local onde vive e suas leituras, que a levam a ter um olhar mais reflexivo, situações descritas em alguns momentos de seu diário como a da vizinha que chega em sua casa para reclamar de seus filhos. Há um

processo de afastamento; neste trecho, temos a descrição de sua paciência que contrasta com a postura de seus vizinhos com as crianças.

A partir de suas escolhas pessoais ao longo da vida, a escritora consegue manter uma rotina que inclui o hábito de ler para depois escrever: “Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o radio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (Jesus, 2014, p. 24). A organização com a escrita não acontece de forma aleatória; Carolina lê e porque lê escreve e porque escreve tem em seu corpo as consequências dessa prática:

16 de janeiro...Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem multilado os meus membros. O The Reader Digest devolvia os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra (Jesus, 2014, p. 154).

Seu corpo já vive imerso nas atividades que envolvem a leitura e a escrita, a aproximação da publicação de seus relatos modifica sua rotina. O trabalho com os escritos começa a mudar cada vez mais o cotidiano de Carolina e os caminhos que escolhe impactam as pessoas que vivem ao seu redor. Segundo Lejeune (2008), os diários no princípio foram coletivos e públicos e só depois entram na esfera privada e individual para, no fim, estar na mais secreta intimidade, espaço de onde é retirada a escrita de Carolina com a publicação do livro. Hoje em dia, temos as redes sociais e blogues que conectam as pessoas e expõem a vida de diferentes formas, mas isso estava longe de acontecer na década de 60. Apresentar a todos a intimidade, ter alguém que observa na janela (no caso, os futuros leitores do diário) era complexo para os moradores do Canindé. Carolina é uma ameaça, pois o cotidiano dos vizinhos seria exposto e ela se colocaria em uma posição delicada, de responsável por este processo. Beatrice Didier (1996) reflete sobre as possibilidades neste tipo de escrita, jogo no qual o livro de Carolina acaba entrando pelas interferências externas em seu processo de escrita:

Pero muy a menudo el diario, cuando no es estrictamente introspectivo, se convierte en sede de reportaje. Si quisieramos hacer un mal juego de palabras, diríamos que el diario (*journal*) se vuelve periodístico (*journalistique*). Y ese juego de palabras es evidentemente revelador. No es, desde luego, un azar el que la palabra francesa *journal* designe a la vez el diario y el periódico (Didier, 1996, p. 40).

O sentido de diário como jornal, assim como aponta Didier (1996), é próximo a uma visão estereotipada da produção literária de Carolina construída para afastá-la do literário, como apontam muitos meios de comunicação da época ao divulgar os seus escritos, inclusive muitos

textos escritos pelo jornalista Audálio Dantas. Por sua vez, para os moradores do Canindé, a proximidade entre a data de escrita e a publicação do livro tornam suas vidas notícias da literatura de Carolina.

A exposição do diário

A vida no espaço onde vive Carolina é, em grande parte, transparente; pela proximidade, as paredes de sua casa e as paredes das casas de seus vizinhos não ocultam as particularidades de cada família. Desta maneira, há uma relação entre a vida que vive com seus filhos e as dos outros moradores da vizinhança, não por eleição, mas por imposição que este modo de viver estabelece; ela tem que pedir comida muitas vezes, emprestar comida; intervir nas brigas.

Os moradores do Canindé sabem da história uns dos outros, mas a possibilidade que veem sobre estar em um futuro livro transforma as relações e faz com que a escritora seja em uma figura ameaçadora. A narrativa, além de ter efeitos sobre o próprio corpo da autora, ecoa na mente dos vizinhos que compartilham a angústia de suportar os resultados da escrita. Carolina descreve em muitos momentos de seu diário sua conversa com os vizinhos onde relata que eles estarão nas páginas de seus escritos:

- Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incutas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (Jesus, 2014, p. 20).

A maneira de defender-se dos conflitos cotidianos, o relato de sua vida no diário, faz com que Carolina exponha também os vizinhos, até porque a sua história está muito envolvida com a deles. Ela está nesta situação em que necessita compartilhar ideais que não são os seus e em todos os momentos a escritora marca a diferença que há entre ela e os vizinhos, os comportamentos considerados por ela desagradáveis ou desnecessários e, assim, define as contradições entre seus pensamentos e o de outros moradores do Canindé.

Desta maneira, marcando sempre seus posicionamentos, Carolina expõe suas intimidades, sua rotina com os filhos, os vizinhos, os livros e, principalmente, a frequência na escrita que é o mote que faz com que haja reações por parte dos moradores da favela: “Eu percebo que se este diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar (Jesus, 2014, p. 78). A escrita pede que Carolina tenha este

momento sozinha para concentrar-se em suas reflexões e ela se preocupa pelo que ocorreria quando saísse a publicação de seus escritos porque sempre escuta opiniões sobre sua atividade. Além das dificuldades diárias para comprar comida e as condições precárias em que vive, a escritora tem que trabalhar com a realidade do impacto de sua escrita diante de pessoas que estarão representadas em sua obra:

18 de dezembro... Eu estava escrevendo. Ela perguntou-me:

-Dona Carolina, eu estou neste livro? Deixa eu ver!

-Não. Quem vai ler isto é o senhor Audálio Dantas, que vai publicá-lo.

- E porque é que eu estou nisso?

- Você está aqui porque naquele dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te, você saiu correndo nua para a rua.

Ela não gostou e disse-me:

- O que é que a senhora ganha com isto?

... Resolvi entrar para dentro de casa. Olhei o céu com suas nuvens negras que estavam presentes a transformar-se em chuva (Jesus, 2014, p. 143).

Elzira Perpétua (1996) analisa o mesmo trecho na versão original e percebemos o corte realizado em grande parte do escrito de Carolina, onde há exclusão de vários pontos importantes da discussão entre as duas vizinhas:

Dona Carolina, eu estou neste livro?

– Dêixa eu ver!

– Não. Quem vae ler isto, e o senhór Audalio Dantas. Que vae publica-lo.

– E pórque é que eu estou nisto?

Voçê esta aqui, pórque naquêle dia que o Armim brigou com você e começou a bater-te você saiu córrrendo nua para a rua. [E as crianças começaram a rir e perguntavam pórque que a bunda das mulheres tem cabélos?]

– Ela não gostou e disse-me:

– O que é que a senhóra ganha com isto?

[– Eles mandaram-me escrever. e eu disse-lhes que na favela não tem nada que presta, para escrever. Que perssonagens de favela, são pórñógraficos e os seus atos não mereçem destaque

– Eles não tem nada com a vida dos faveladós.

– Eu tambem penso assim. Mas êles me mandaram escrever.

– A Fernanda olhou-me e disse:

– a senhóra não vae ganhar nada com isto. Apósto que êles não vae dizer-te nem muito obrigado. porque ja faz tempo, que a senhóra procura infiltrar-se entre as que escreve, e é pôsta de lado como um sapato que já não tem mais concerto

Bem.... Os jornalistas das Fôlhas falaram. parei bruscamente pensando que não tenho que dar satisfação a Fernanda. E não podendo supórtar o alito alcoolico da Fernanda levantei e encaminhei para o pôrtão dizendo-lhe: que não supórtava o cheiro do alcool.

Ela olhou-me com desprêzo e fez hum! saí. E elas sairam atraz de mim.] (Perpétua, 1996, p. 245).

Temos neste original vários elementos a serem destacados entre as diversas supressões, dentre eles, o corte sobre a descrição do corpo da vizinha feita pelas crianças em uma exposição frente a uma situação de violência. Há cortes também na análise e opinião das duas (Carolina e a vizinha) sobre as pessoas de fora não terem relação com o que ocorre na favela “Eles não tem nada com a vida dos favelados”, o incentivo para a escrita do texto específico do diário “Eles mandaram-me escrever”, a situação complexa de Carolina diante da exposição de seu diário, além da reação dos vizinhos em terem suas intimidades expostas.

Tendo em vista este contexto, a publicação do diário é uma questão importante quando pensamos nas revelações que este tipo de texto comporta, mas que não é considerada com relação a estes sujeitos, aos moradores da favela do Canindé, onde a edição do livro parece resolver a complexidade.

Didier (1996, p. 41) afirma: “Si el diario se publica puede convertirse en arma, y aportar una respuesta a un ataque, respuesta en caliente, casi tan rápida como el tradicional <<panfleto>>”. No relato de Carolina, a vizinha se incomoda e pergunta sobre sua aparição no texto para confirmar acerca da situação em que será descrita nesta obra. Este exemplo representa o impacto da escrita da autora. O diário revela a nudez da vizinha, que aparece assim diante de todos em uma situação de briga, a nudez das crianças da favela que muitas vezes não tem parte da roupa por falta de dinheiro, a nudez como superexposição de corpos, corpos desconsiderados no cotidiano das grandes cidades.

Os moradores do Canindé estavam vulneráveis; as brigas, os problemas eram expostos a todos pela precariedade de condições em que viviam, dessa maneira, destaca-se a contundência da escrita de Carolina, com seu olhar crítico para a situação em que os governos de seu país deixavam grande parte da população a sua própria sorte. Em muitas situações como a do exemplo anterior, os moradores da favela aparecerão sem roupa, ou quase sem ela. Um exemplo destas faltas é o desejo de Vera, filha de Carolina, por um sapato; as crianças muitas vezes andavam com os pés descalços porque o dinheiro não era suficiente para o total sustento das famílias.

Os vizinhos sabem que a escrita dos diários irá incluir a todos na descrição destas particularidades: o corpo, a fome, a falta de recursos, todos os problemas seriam jogados ao vento com a publicação. Uma questão importante sobre este receio é a construção discursiva das mídias na época que mostravam a população como responsável por suas condições, o que agravava a situação de exposição.

Hoje em dia, as escritas de muitas intimidades são feitas na internet, são abertas a todos. Naquela época, no entanto, os diários eram secretos e guardados em gavetas, mas Carolina

rompe com este pacto a partir da publicação do livro. As histórias narradas afetam a vida de todos os moradores dos arredores, as intimidades de todos podem ser reveladas nas palavras do diário:

22 de julho Eu estava deitada. Era 5 horas quando a Teresinha e o Euclides começaram a falar.

- Adalberto! Levanta e vai comprar pinga.

O Euclides disse:

- Você não vai escrever? Não vai catar papel? Levanta para você escrever a vida dos outros.

Eu levantei, peguei um pau de vassoura e fui falar-lhe para não aborrecer-me que eu estou cançada de tanto trabalhar. E dei umas cacetadas no barraco. Ele calou e não disse mais nada (Jesus, 2014, p. 184).

Carolina é questionada a todo o momento por sua escrita e sente os efeitos de seu diário em muitas de suas relações: “O João disse-me que o Orlando Lopes, o atual encarregado da luz, havia me chingado. Disse que eu fiquei devendo 4 meses. Fui falar com o Orlando. Ele disse-me que eu puix na revista que ele não trabalha” (Jesus, 2014, p. 172). Os vizinhos a desafiam cotidianamente, a todo momento dizem que esta não é uma posição para ela e que escrever um diário não é um caminho que deve seguir. Entretanto, ela necessita deste tempo em que reflete sobre o espaço em que vive, em que tece suas considerações que a fazem suportar todas as dificuldades cotidianas:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 2014, p. 37).

O corpo das mulheres

Diante de todas as (im)possibilidades colocadas no mundo das mulheres, neste caso, relacionadas à vida da mulher negra, resta a intenção de procurar uma maneira de sobreviver, um modo de continuar existindo e também poder manifestar-se, o que nem sempre é possível pelas restrições históricas que as colocam à margem da sociedade. No cotidiano de Carolina Maria de Jesus, as pessoas ao seu redor buscavam formas de chamar atenção; com o olhar, com palavras, com gestos, assinalando que a vida que levava não era correta segundo os padrões sociais estabelecidos naquela comunidade. Além dos problemas gerados pela busca diária por alimentar a seus filhos há também diferentes julgamentos vindos de todas as partes. O diário,

portanto, é a saída possível para uma manifestação, pois todas as outras portas estão fechadas para quem vive neste contexto. Segundo Lejeune (2008), “Ter um diário tornou-se, para um indivíduo, uma maneira possível de viver, ou de acompanhar um momento da vida” (Lejeune, 2008, p. 261). O movimento de escrita é uma maneira de buscar a vida entre tantos sofrimentos, no meio dos problemas; os gritos, brigas, fome e vertigens que fazem parte deste cotidiano.

Este espaço de tranquilidade é o que busca Carolina e o que não encontra onde vive: os ruídos que vêm das brigas, das crianças, da proximidade em que residem todos neste ambiente fazendo com que os momentos de introspecção para a leitura e escrita sejam quase inexistentes. A busca por sobreviver em um meio que não oferece os recursos mínimos transforma a tarefa criativa; não há trabalho fixo para a mãe com seus filhos, não há segurança; há primeiro que acordar e pensar em como arrumar comida, o imediato é urgente e por vezes substitui momentos que poderiam ser de criação.

Carolina não tem um espaço de liberdade intelectual, pois outras prioridades são impostas em seu cotidiano, enquanto isso, consegue escrever no seu diário sobre essa situação, sobre sua vida e as de outras pessoas que sofrem neste lugar que ela sempre olha como muito diferente do ambiente da cidade. Para este espaço, as empresas enviam a comida estragada, o que já não serve mais para os trabalhadores que ainda precisam agradecer por receber o lixo. Carolina, através da literatura, expõe a realidade da favela, desta forma, preserva a memória da vida no Canindé. Sua escrita coloca o ambiente segregado em evidência, cumprindo o papel destacado por Lélia Gonzalez (1984):

Por isso, a gente vai trabalhar com duas noções que ajudarão a sacar o que a gente pretende caracterizar. A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção (Gonzalez, 1984, p.226).

A população negra sofre com toda a sorte de opressões que são ecos da situação de escravidão no Brasil por mais de trezentos anos. Apesar de todos os impedimentos assinalados, a escrita é possível porque Carolina faz algumas escolhas em sua vida: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (Jesus, 2014, p.17). Segundo seus relatos, a vida das outras mulheres era complexa, pois tinham, além da luta diária pela vida, que aguentar a violência a que eram submetidas por seus companheiros. Neste sentido, o casamento era uma condição que lhe tiraria muitos direitos.

Sua vida, a partir desta relação, estaria destinada a servir o marido que muitas vezes não conseguia sustentar a família, restando desta forma, mais problemas para a mulher, que fica responsável pelos filhos, pela casa e seu sustento. Segundo Angela Davis (2016):

As primeiras feministas podem ter descrito o matrimônio como uma “escravidão” semelhante à sofrida pela população negra principalmente devido ao poder impactante dessa comparação – temendo que, de outra maneira, a seriedade de seu protesto se perdesse. Entretanto, elas aparentemente ignoravam que a identificação entre as duas instituições dava a entender que, na verdade, a escravidão não era muito pior do que o casamento (Davis, 2016, pp. 46-47).

Carolina descreve em seu diário esta realidade: as mulheres casadas têm uma rotina de sofrimento para aguentar: a falta de dinheiro, os cuidados com os filhos, a bebedeira dos maridos e a maioria dos casos de violência. A decisão de não se casar, portanto, determina um valor crucial na vida de Carolina que a leva a uma possibilidade de escrita que realiza enquanto escreve seu diário. Deste modo, a escritora mantém suas relações, mas sabe separar tudo, pois tem consciência da consequência que é compartilhar um teto: “O senhor Raimundo mandou a sua filha chamar-me. Troquei-me e fui atendê-lo. Ele disse-me que vai para Volta Redonda. Creio que vou sentir saudades. (...) Despedi-me dele dizendo que precisava escrever e que não podia demorar” (Jesus, 2014, p. 153). Carolina tem diferentes possibilidades de movimentação em sua vida com relação a outras mulheres da favela: vive seus relacionamentos, enquanto isso, mora somente com seus filhos para ter o espaço que poucas mulheres têm naquela época, postura que incomoda os outros moradores do Canindé:

Quando cheguei na favela fui visita-lo. Ele estava gemendo e tinha duas senhoras portuguesas que lhe visitava. Perguntei-lhe se estava melhor. Disse-me que não. A portuguesa perguntou-me:

- O que é que a senhora faz?
- Eu cato papel, ferro, e nas horas vagas escrevo.
Ela disse-me com a voz mais sensata que já ouvi até hoje:
- A senhora vai cuidar da sua vida! (Jesus, 2014, p. 105).

O comportamento de uma mulher que vive sozinha e escreve é totalmente controlado, seu olhar gera reações: “Se você me por no jornal eu te quebro toda, vagabunda! Esta negra precisa sair daqui da favela” (Jesus, 2014, p. 174). Carolina registra em suas páginas esta percepção que tem dos olhares que chegam e, além de estranhar o ambiente em que vive, também sente as distâncias que pedem as pessoas que vivem na cidade, que por um olhar

querem levá-la novamente ao espaço de onde vem, o cheiro, o aspecto de sua roupa, o cansaço, todas estas situações parecem dar as outras pessoas o direito de intervenção sobre sua vida:

No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não entristeço. Quiz saber o que eu estava fazendo no elevador. Expliquei-lhe que a mãe dos meninos havia dado-me uns jornaes. Era este o motivo da minha presença no elevador. Perguntei-lhe se era medico ou deputado. Disse-me que era senador (Jesus, 2014, p. 111).

Não há disfarce nos olhares que passam a mensagem de que ela não está no lugar correto, que necessita buscar outro espaço. Os homens, em todos os momentos, assinalam os lugares onde as mulheres devem estar. O cargo de senador, neste caso, o faz sentir-se em uma posição superior, postura notada por Carolina.

A autora também descreve o posicionamento dos homens no ambiente da favela. Frente aos problemas cotidianos, a escritora posiciona-se quando percebe uma situação difícil e que precisa de intervenção:

16 de fevereiro... Quando eu dirigia-me para casa vi varias pessoas olhando na mesma direção. Pensei: é briga! Corri para ver o que era. Era o Arnaldo e o baiano. O Arnaldo apanhava igual uma criança. Interferi e procurei separá-los. A Juana do Binidito Onça veio auxiliar-me. Vários homens olhavam e niguem interferia. O baiano deu duas cacetadas no Arnaldo (Jesus, 2014, p 160).

Carolina entra na briga juntamente com outra mulher para resolver a situação, ao contrário dos homens, que ficaram parados observando a cena. A vivência que tem traz também para a escritora a vantagem de saber do que é capaz, de solucionar problemas sem esperar que alguém faça sua parte. Este é um comportamento de vanguarda vindo de uma mulher que não espera, que age, por sua vez, os homens geralmente protagonizam momentos em que se sentem confortáveis com o fato de não cumprirem as suas obrigações com relação a seus filhos:

Fui na Tesouraria para receber o dinheiro. Quando chegou a minha vez não encontrei o dinheiro. A Vera queria comprar um vestido. Eu disse-lhe que o seu pai não havia levado o dinheiro. Ela ficou triste e disse:
- Mamãe, o meu pai não presta! (Jesus, 2014, p. 166).

O cuidado dos filhos fica todo para a mulher; este mesmo pai que não assume a responsabilidade e não paga a pensão da filha aparece quando sabe da publicação do diário e a escrita de Carolina tem um impacto em sua vida:

1 de julho... Eu estou cançada e enojada da favela. Eu disse para o senhor Manoel que eu estou passando tantos apuros. O pai da Vera é rico, podia ajudar-me um pouco. Ele pede para eu não divulgar-lhe o nome no Diario, não divulgo. Podia reconhecer o meu silêncio. E se eu fosse uma destas pretas escandalosas e chegasse lá na oficina e fizesse escândalo?
- Dá dinheiro para a tua filha! (Jesus, 2014, p. 178).

Em muitas análises, percebemos afirmações sobre os filhos de Carolina serem de pais diferentes apenas como marcação moralizante de sua trajetória, não com relação a esta falta evidenciada pela autora em seu diário.

Finalmente, assinalamos o impacto positivo da escrita frente ao turbilhão de sentimentos e enfrentamentos relacionados à publicação do diário:

Li o artigo e sorri. Pensei no reporter e pretendo agradecer-lo. (...) Troquei roupas e fui na cidade receber o dinheiro da Vera. Na cidade eu disse para os jornaleiros que a reportagem do *O Cruzeiro* era minha. (...) Fui receber o dinheiro e avisei o tesoureiro que eu estava no *O Cruzeiro* (Jesus, 2014, p. 171).

Carolina tem uma maneira diferente de viver frente a realidade imposta, ela é uma pessoa que lê e que escreve diante de todos os infortúnios de sua vida, diante das madeiras da casa, dos animais que entram, as brigas dos vizinhos, os homens que não cuidam de seus filhos. Angela Davis (2016, p. 34), ao debater sobre as formas de enfrentamento dos processos de violência a que estava submetida a população negra, assinala a resistência que não se resumia nas revoltas, fugas e sabotagens e que incluía aprender a ler e a escrever de forma clandestina e a transmissão deste conhecimento. Carolina é uma mulher negra que vive na favela e que escreve, movendo, desta forma, muitas estruturas e abrindo caminhos para a escrita de outras mulheres negras.

Considerações finais

Destacamos neste artigo momentos que fazem referência ao impacto das atividades de leitura/escrita, especificamente o diário, no contexto da vida dos moradores da favela do Canindé e da escritora Carolina Maria de Jesus. A tarefa inicial é a escrita do diário para suportar o cotidiano, que neste caso é perpassado pela condição social de pobreza extrema e suas consequências na sociedade capitalista. O segundo momento trata-se da nudez, a vida

exposta a todos, o que faz com que os vizinhos tenham medo de uma provável publicação do diário, pois suas particularidades seriam expostas também às pessoas que não estão neste ambiente. Por último, dentre o leque de pontos relacionados à escrita de Carolina Maria de Jesus, enfatizamos a postura da autora que, mesmo diante de uma realidade difícil, escolhe a maneira como conduzirá sua vida ao longo dos anos para que possa escrever e ler livremente, eleição fundamental no contexto de opressão às mulheres e de controle sobre suas vidas e corpos. O diário torna-se assim uma maneira de libertar-se, um trabalho que levará Carolina à sonhada publicação e a momentos felizes em sua vida, resultantes do impacto de sua escrita na literatura brasileira

A escrita do diário era mais uma frente a tantas produções de Carolina conforme podemos constatar nas pesquisas de Perpétua (1996), Fernandez (2019), dentre outras estudiosas que nos mostram muitos pontos ignorados anteriormente: a reação de Carolina frente a escrita do diário, a reação dos vizinhos com a exposição de suas vidas de forma imediata, as edições que mostram apenas um pequeno fragmento do que foi Carolina Maria de Jesus. Há um vasto material a ser explorado, a se descobrir. Conforme relata Lejeune (2008, p.273) o diário é interminável, devido a possibilidade de retomar a escrita em algum momento. Carolina já não pode mais continuar a escrita de seu cotidiano, mas o que sabemos é que estamos longe de terminar a leitura de seus textos.

Referências

- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIDIER, B. El diario. ¿Forma abierta? Em **Revista de Occidente**, n 182, 183. pp. 39 – 46. Madrid. Jul- ago. 1996.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FERNANDEZ, R. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus**. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.
- GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Em: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PERPÉTUA, E. D. Aquém do quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, (22), 2011, pp. 63-83. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8944>. Acesso em: 27 jun. 2025.